

Alguns estilos de prática teológica extra-universitária em Portugal. Breves notas de leitura

FREI BENTO DOMINGUES, O.P.

1. Quando sugeri este título, sabia que estava perante um universo sem contornos definidos, mas que seria possível fazer nele alguns recortes, selecionando os estilos que me pareciam mais representativos. Durante a minha investigação, fui obrigado a verificar que esse desejo não passava de uma miragem.

O Papa Francisco, desde a Exortação Apostólica, *Evangelii Gaudium*, habituou-nos a falar menos do “esplendor da verdade” e muito mais do *estilo de vida do Evangelho*. É um praticante da teologia, pouco preocupado em invocar o seu magistério e muito menos a graça da infabilidade pontifícia, mas procurando falar de uma forma inteligente do Evangelho, a partir das situações vividas, hoje, pelo povo cristão misturado com todos os povos, culturas e religiões. Configurou um estilo de fé inteligente que o leva a lamentar os pastores que não têm o “cheiro das ovelhas” e a teologia universitária que não “cheira a povo”, como já escreveu várias vezes. Estas metáforas não são de desprezo, mas de preocupação perante práticas teológicas e pastorais que pairam no domínio dos grandes princípios

indiferentes à situação concreta dos pobres e excluídos e aos caminhos de uma *Igreja de saída* para as margens existenciais.

A sua linguagem metafórica não nos faz, apenas, reencontrar o sabor das parábolas dos Evangelhos. Ele próprio cria continuamente novas parábolas, novos provérbios, novas propostas. Quando fala, acontece o inesperado. Parece sem limites a capacidade de nos surpreender.

Evoquei este exemplo, não para encontrar uma legitimação papal para as práticas de teologia extra-universitária, mas apenas como um dos seus estilos mais desinibidos e brilhantes.

2. Em Portugal, desde 1910 até 1968, não existiu nenhuma Faculdade de Teologia reconhecida pela Igreja católica. O catolicismo português dispensou a teologia universitária. É estranho, mas foi mesmo assim.

Significaria isto que não havia prática teológica em Portugal? Não conheço estudos sobre o género de teologia desenvolvida nos Seminários Maiores do país, embora seja de supor que passou por diversas fases e que não foi da mesma qualidade em todos eles. Qual seria, por outro lado, o suporte teológico dos movimentos laicais, nomeadamente, da Ação Católica? Também merece investigação.

Na primeira metade do século XX – tirando a importantíssima controvérsia em torno da *Voz de Santo António*¹ –, o grande contributo da teologia extra-universitária foi o de Joaquim Alves Correia (1886-1951)². Geralmente fala-se dele apenas como o opositor ao regime de Salazar que provocou o seu exílio para os Estados Unidos, donde nunca regressou. A sua obra está publicada, mas muito pouco estudada. Tentou ser uma ponte com o mundo protestante e com as correntes agnósticas e ateias. Foi um dos portugueses que antecipou algumas linhas teológicas e pastorais do Vaticano II.

¹ A *Voz de Santo António* (janeiro de 1895 – abril de 1910) é conhecida por ter sido o centro de uma acesa polémica desencadeada, em 1908, no seio do catolicismo português, nos últimos dois anos da Monarquia Constitucional. A polémica ficou conhecida como a «Questão da *Voz de Santo António*». Este periódico, ao contrário da maioria da imprensa católica, defendia que não era pecado não votar no católico Partido Nacionalista.

² A *Largueza do Reino de Deus*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1931; *De que Espírito somos*, Lisboa, Portugália Editora, 1933; *O Cristianismo e a mensagem evangélica*, Lisboa, Cosmos, 1941; *Cristianismo e Revolução*. Seleção de textos e coordenação de Anselmo Borges, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1977. A sua Biografia mais completa é de Francisco Lopes, *Pe Joaquim Alves Correia – Ao Serviço do Evangelho e da Democracia*, Lisboa, Rei dos Livros, 1996.

O Anuário Católico refere 23 Centros/Escolas de Formação de Agentes de Pastoral. Não conheço nenhuma avaliação da sua qualidade teológica. O caso do Centro de Cultura Católica do Porto, o mais antigo, fundado em 1964, é também o mais conhecido. A sua criação soube beneficiar do ambiente entusiástico do Vaticano II e teve um grande impacto na renovação da Igreja diocesana, nas relações entre Igreja, sociedade, movimentos populares e política nacional. Tinha o seu Bispo, D. António Ferreira Gomes, no exílio.

Além dos cursos regulares de Teologia e Ciências Religiosas, ficaram célebres os seus cursos especiais, com temáticas precisas, ligadas à situação de um país em guerra, assim como os vários ciclos de conferências e colóquios com a participação de nomes bem conhecidos, alguns deles grandes nomes da investigação teológica internacional, como E. Schillebeeckx, H. Küng, B. Häring, J. Daniélou, entre outros. Conheci e participei, nessa fase, em algumas das suas iniciativas de teologia incarnada nas questões mais acesas do país.

Como centro de cultura viva procurou responder, ao longo do tempo, às necessidades da diocese, criando sempre novas iniciativas e instituições, mas sabendo conjugar-se com os serviços da Faculdade de Teologia, entretanto fundada.

3. Maria Julieta Mendes Dias, uma teóloga feminista, fez uma investigação sobre *A Teologia Católica em Portugal de 1910 à atualidade*³, no âmbito da Licenciatura de Ciência das Religiões, da Universidade Lusófona. Grande parte dessa investigação refere-se, precisamente, à teologia extra-universitária. Algumas lacunas não deixam de tornar este trabalho incontornável para o tema desta minha *Nota*.

Catarina Silva Nunes, na sua tese de doutoramento⁴, recolheu e estudou o que personalidades, movimentos e instituições pensavam sobre os intelectuais católicos portugueses. Os grupos estudados e respetivas publicações foram: *Instituto S. Tomás de Aquino* (ISTA); secção portuguesa do

³ A Teologia Católica em Portugal de 1910 à atualidade, in *Revista Lusófona de Ciência das Religiões* – Ano IV, 2005 / n.º 7/8 – 269-278.

⁴ *Compromissos incontestados. A autorrepresentação dos intelectuais católicos portugueses*, Lisboa, Paulinas, 2005.

GRAAL; Centro de Reflexão Cristã (CRC); Movimento Católico de Estudantes (MCE); *Metanoia – Movimento Católico de Profissionais*.

O método de escuta de pessoas escolhidas, dos respetivos grupos, teve sempre presente as formas da prática teológica característica de cada um deles. As entrevistas gravadas permitem conhecer, não apenas a vida e a fé de cada grupo, mas a forma como procuram que a sua fé seja inteligente, por isso, dizem-se intelectuais católicos. Nesses grupos, a vida não fica entre parêntesis na reflexão e expressão da fé. É próprio desse estilo de reflexão teológica não descolar da carne da experiência. O que tem de original este estilo de fazer teologia pode e deve ser estudado na Academia – caso desta tese –, mas a sua realização vai-se fazendo, vai-se construindo. Não se trata de uma *teologia para leigos* nem de leigos a copiar a teologia dos académicos, leigos ou padres, mas de fazer, dos próprios movimentos, laboratórios da construção da teologia. Esta não está feita numa estante a que se recorre para aprender. Sem dúvida que importa sempre recorrer à teologia que os outros fazem e ao seu magistério, sem isso seria a apologia da ignorância. Recorre-se para pedir ajuda, mas *não para colar uma teologia feita a uma falta de teologia*.

São evidentes as fragilidades desse caminho, mas as teologias académicas correm o risco de morrerem no seu próprio nascimento autossatisfeito. Se aprenderem a colaborar, podem fecundar-se mutuamente – a teologia universitária e a extra-universitária –, sem atraindo os seus respetivos métodos.

4. Nas Atas do Colóquio sobre *A Restauração da Província Dominicana em Portugal* (Porto, outubro de 2012)⁵, o filósofo e poeta Eduardo Bento apresentou o que foi o *Studium* do Convento Dominicano de Fátima, Frei Bento Domingues falou do Instituto S. Tomás de Aquino (ISTA) e suas principais realizações, o Prof. Moisés Lemos Martins elaborou um documentado estudo sobre os dominicanos e o ensino da teologia em Portugal, incluindo o seu contributo para o Instituto Superior de Estudos Teológicos (ISET) e seu respetivo e original Boletim que tinha uma influência muito mais vasta do que o próprio Instituto. Este foi, em tempo de Ditadura, a Escola mais democrática do país, não apenas enquanto regime

⁵ Edições Tenacitas, 2012.

de funcionamento, mas pela liberdade de debate teológico realizado na confluência de ciências humanas, filosofia e novas práticas teológicas, incentivadas pelo clima internacional do pós Vaticano II.

Causou muitas apreensões na hierarquia, nas queixas dirigidas à Nunciatura Apostólica. Todas as pressões foram exercidas sobre os Institutos Religiosos, que o sustentavam, para garantir alunos eclesiásticos na Faculdade de Teologia da Universidade Católica.

Sob o impulso do *Studium Sedes Sapientiae*, sediado em Fátima e cujo professorado era internacional, nasceu, a partir de 1954, o famoso *Curso de verão de Teologia* do Instituto de S. Tomás de Aquino (ISTA). Frequentado pelas Congregações Religiosas femininas, sobretudo, as dedicadas ao Ensino, foi-se abrindo progressivamente aos leigos. Era um curso cíclico e trienal, com programa de estudo durante o ano, de que se prestava contas para obter um Diploma. Entre várias outras originalidades e experiências de liberdade teológica e litúrgica, embora vigiadas pela presença da PIDE, levou muitas mulheres à prática ativa da teologia, abrindo também o espaço ao exercício de algumas expressões da teologia feminista.

Também sob o impulso do *Studium Sedes Sapientiae*, surgiram os *Encontros de Fim de Semana* em Coimbra, Porto e Lisboa. No Porto e em Lisboa não puderam ter muitas realizações porque as respetivas hierarquias não o permitiam.

Importa, no entanto, deixar aqui o testemunho do cônego Urbano Duarte, delegado do Bispo para garantir a sua inserção na Diocese, acerca dos Encontros em Coimbra porque caracteriza bem o espírito do que se realizou noutras cidades: «Uma comissão de leigos incentivou a realização deste 2.º Encontro de teologia para leigos a cargo dos Padres Dominicanos de Fátima. Temas tratados: 1 – A Fé em questão; 2 – Afinal, para que serve a Fé?; 3 – A Fé, dom e tarefa; 4 – Agonia das religiões e sobretudo da Fé?; 5 – Será a Igreja precisa para a vivência da Fé?

«Mais uma vez, foi impressionante e, podemos dizer, novo, o êxito alcançado. Nada em Coimbra se lhe pode comparar, em matéria de cultura religiosa: os conferencistas, muito bem preparados e expondo aspetos teológicos atualizados; os ouvintes, às centenas, com predomínio de estudantes universitários; entre a assistência, muitos que em salões caracteristicamente confessionais não costumam entrar; na exposição evidencia-se a sinceridade, o tom franco e, por vezes cáustico para mais claro contraste de

interpretações; o mesmo também nas questões postas para diálogo. A sobriedade melíflua, o “santo engano”, ou a paz morta à sombra da ignorância não tiveram assento nestas assembleias de reflexão sobre a Fé.

«É natural que uma ou outra frase tenha suscitado dúvidas. Mas Deus nos livre dos totalmente satisfeitos e sossegados, porque nem se conhecem nem têm possibilidade de conhecer os outros. Uma iniciativa, portanto, francamente positiva e moderna»⁶.

As propostas desses Encontros vinham de comissões locais. Eram estas que escolhiam a temática em sintonia com os professores do referido *Studium*. Os professores, por seu lado, repartiam o trabalho, mas preparavam-no em diálogo. O resultado não era uma *teologia para leigos*, mas o encontro de perspetivas novas, a partir dos questionamentos feitos pelos participantes às imagens de teologia que circulavam no catolicismo português, pouco trabalhado pelo acontecimento do Vaticano II que, entre nós, assustava os hierarcas da Igreja e da Política.

5. Um dos momentos de prática teológica, orientada para a Missão *Ad Gentes*, foi o das Semanas Missionárias, organizadas pela Sociedade Missionária da Boa Nova. Alimentavam a revista *Igreja e Missão*. Teve épocas muito diferentes. As coordenadas por Anselmo Borges, nas quais, o trabalho das Semanas – de colaboração internacional e de alta exigência pluridisciplinar –, recolhido na revista *Igreja e Missão* ou em publicações autónomas, constitui uma biblioteca de referência na produção teológica extra-universitária, em Portugal.

6. Seria importante fazer o elenco de obras teológicas, de autores portugueses, fora do âmbito universitário. As *Cartas ao Papa*, de António Ferreira Gomes⁷, não são caso único. O filósofo Fernando Belo começou pela exegese do Evangelho de S. Marcos⁸.

Em Portugal, a atenção ao fenómeno religioso na música, na literatura, nas artes plásticas mereceu um cuidado muito atento e esforçado de José Augusto Mourão, O.P., e de José Tolentino Mendonça. Não são casos

⁶ Manuel de Almeida Trindade, *Urbano Duarte*, 1.º Volume, Gráfica de Coimbra, 1989, pp. 291-292.

⁷ Porto, Figueirinhas, 1986.

⁸ *Lecture matérialiste de l'évangile de Marc: Récit-pratique-idéologie*. Paris, Cerf, 1974.

únicos, apenas exemplares. Como é que Deus fala na literatura, na música, nas artes plásticas, no cinema já constitui uma prática teológica extra-universitária, de volume muito expressivo.

7. Duas publicações teológicas internacionais, que também circulam em português e com colaboração portuguesa, a revista *Concilium* e a revista *Communio*, são produções extra-universitária, embora dela beneficiando sem preocupações de obediência aos seus critérios e métodos.